

INTERFACES DA HIPERMODERNIDADE EM “PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS”, DE ALINE BEI

INTERFACES OF HYPERMODERNITY IN “PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS”, BY ALINE BEI

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos 1
Rafael Francisco Braz 2

Resumo: A literatura é uma forma de expressão, enquanto arte e linguagem produtoras e reprodutoras de formações ideológicas e discursivas, que reverbera os ecos discursivos dos contextos sócio-histórico e cultural, os quais estão inseridos. Partindo dessa premissa, observamos como as representações dos afetos e das subjetividades dos sentimentos ressoam a partir da solidão em plena multidão na contemporaneidade por meio da obra *Pequena coreografia do adeus* (2021), de Aline Bei. Portanto, neste artigo, propomos investigar a relação estabelecida entre a protagonista e o meio em que ela vive, o qual é constantemente afetado pelas relações que estabelece com as demais personagens pelos laços afetivos e partidas. Desse modo, adotamos uma pesquisa de cunho qualitativo e de natureza documental e bibliográfica para compreender como a *Era do Vazio* que foi utilizada como categoria analítica para compreender a relação familiar da protagonista. Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Compagnon (2010), Lipovestsky (2004; 2005), Charles (2004), Carneiro e Abritta (2008) e Perrone-Moisés (2016). Os resultados alcançados apontam para a necessidade de compreendermos os vazios existenciais que compõem a vida do homem na hipermodernidade.

Palavras-chave: Hipermodernidade. *Era do Vazio*. *Pequena Coreografia do Adeus*.

Abstract: Literature is a form of expression, as art and language that produce and reproduce ideological and discursive formations, which reverberates the discursive echoes of the socio-historical and cultural contexts in which we are inserted. Starting from this premise, we observe how the representations of affections and the subjectivity of feelings resonate from loneliness in the middle of the crowd in contemporary times through the work *Pequena coreografia do adeus*. Therefore, in this article, we propose to investigate the relationship established between the protagonist and the environment in which she lives, which is constantly affected by the relationships she establishes with the other characters through affective bonds and games. In this way, we adopted a qualitative research, of a documentary and bibliographic nature, to understand how the *Era of the Void* is used as an analytical category to understand the protagonist's family relationship. For this study, we use the theoretical assumptions postulated by Antoine de Compagnon (2010), Gilles Lipovestsky (2004; 2005), Sebastien Charles (2004), Cláudia Carneiro and Stela Abritta (2008), and Leyla Perrone-Moisés (2016) among others authors, whose contributions support reflections on ecofeminism in dialogue with literature. The results achieved point to the need to understand the existential voids that make up human life in hypermodernity.

Keywords: Hypermodernity. *Era of the Void*. *Pequena Coreografia do Adeus*.

- 1 Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I (2022); Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Campus I (2016); e Graduada em Letras, com habilitação em Língua Inglesa/Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III (2014). Atualmente, exerce a função de Professora Adjunta do Curso de Letras na Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201030587005202>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7282-7814>. E-mail: claramay.vasconcelos@gmail.com
- 2 Doutor em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFRN/PPgPsi (2023), com bolsa da CAPES (2019). Mestre Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB/PPGL (2016), com bolsa do CNPq (2014). Especialista em Língua Estrangeira Moderna: Inglês e Espanhol - IFPB (2020) e, também, Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (2013). Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2010). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5028169626414644>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6155-6182>. E-mail: rafaelbrazprof@gmail.com

Introdução

A literatura é uma forma de expressão, enquanto arte e linguagem produtoras e reprodutoras de formações ideológicas e discursivas, que reverbera os ecos discursivos dos contextos sócio-histórico e cultural, os quais estamos inseridos. Partindo dessa premissa, observamos como as representações dos afetos e da subjetividade dos sentimentos ressoam a partir da solidão em plena multidão na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, o romance *Pequena coreografia do adeus* (2021), escrito por Aline Bei, constitui-se como uma obra essencial para compreendermos, tanto como leitores quanto como sujeitos sociais, as relações que estabelecemos todos os dias em nossas vidas, seja no âmbito privado ou no público.

Portanto, neste artigo, propomos investigar a relação estabelecida entre a protagonista e o meio em que vive, o qual é constantemente afetado pelas relações que estabelece com as demais personagens pelos laços afetivos e partidas. Desse modo, a Era do Vazio é utilizada como categoria analítica para compreender a relação familiar da protagonista, Júlia Terra.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos como metodologia de cunho qualitativo, sob uma perspectiva bibliográfica e documental, para a construção das seções teóricas e mapeamento da fortuna crítica acerca das obras estudadas, por meio de informações veiculadas, através de textos pertencentes ao campo da geografia, economia, história, política e literatura, disponíveis em livros e artigos acadêmicos (Gil, 2002).

Desse modo, é preponderante salientar que a construção da fundamentação teórica e mapeamento da fortuna crítica contribuirão para a análise e interpretação da obra sob o prisma da Era do Vazio, assim, é importante salientar que há: “[...] uma diferenciação terminológica: ‘Análise’ e ‘interpretação’ são praticamente intercambiáveis no uso comum do português e [...] Sua diferenciação geralmente se faz necessária quando se almeja enfatizar o processo de segmentação e ponderação da análise ou o resultado da leitura com a interpretação” (Durão, 2020, p. 38).

Partindo da análise e interpretação de forma intercambiável sobre a obra, conforme salientado por Durão (2020), verificamos que a protagonista Julia narra a sua história em meio a decepções e a sua constante reconstrução em meio às intempéries que a vida lhe impõe. A sua jornada dessa heroína constitui-se de fato como uma coreografia de despedidas que inicia com a separação de seus pais.

A rejeição é um dos sentimentos, com os quais a personagem protagonista precisa lidar ao longo da narrativa de sua vida. Logo, o sofrimento feminino é um dos sentimentos abordados na obra, mas a personagem não é apresentada sob uma ótica fragilizada ou submissa; ao contrário, a superação da dor é colocada como ponto de esperança a partir da construção de sua própria identidade. Desse modo, Aline Bei retrata a história de Júlia, uma jovem que inicia a escrita de sua história por meio de um diário e persegue o sonho de se tornar uma escritora.

Nascida em 1987¹, a autora tem formação em Artes Cênicas, a qual alcançou pelo teatro-escola Célia Helena; também é graduada em Letras pela PUC de São Paulo. O livro *Pequena coreografia do adeus* é o segundo romance publicado pela escritora Aline Bei que ganhou em 2017 o prêmio Toca com o livro *O peso do pássaro morto* (2017).

Aline Bei representa uma relação familiar caótica em que testemunhamos uma realidade comum a muitas crianças e jovens quando da separação dos pais, revelando o desengano e o sentimento de não-pertencimento de uma garota à relação familiar com a mãe e com o pai.

Sendo assim, justificamos a pesquisa a partir de sua relevância social, haja vista que se trata da representação da construção identitária da personagem que dá voz a diversos outros jovens que vivem uma relação familiar desestruturada, sendo relegados ao desprezo.

Dessa maneira, a hipermodernidade relacionada à concepção de vazio no sujeito pós-disciplinar é tomada como uma categoria analítica com vistas a promover a apreensão da identidade da personagem na coreografia de sua vida que compõe a sua busca incansável contra a dor que a aflige. Outro fator que justifica esta pesquisa recai sobre a falta e/ou escassez de pesquisas sobre a obra *corpus* deste trabalho, bem como a sua análise sob a ótica dos estudos acerca da Era do Vazio.

¹ Informações disponíveis em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=07092>. Acesso em: 16 maio 2022.

Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos postulados por Antoine de Compagnon (2010), Gilles Lipovestsky (2004; 2005), Sebastien Charles (2004), Cláudia Carneiro e Stela Abritta (2008) e Leyla Perrone-Moisés (2016) entre outros autores.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre a Era do Vazio e a hipermodernidade com vistas a apresentar ao leitor o arcabouço teórico adotado para desenvolvermos a análise e interpretação da obra a partir das coreografias que compõem a dança da vida de Júlia. Logo após, discutimos os aspectos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa a partir da classificação da pesquisa segundo os objetivos, os procedimentos técnicos utilizados e as hipóteses.

Ainda nesta unidade, apresentamos brevemente sobre a vida e a obra da escritora Aline Bei e a repercussão de sua produção literária que ganhou maior projeção por meio da rede social *Instagram*. Na terceira unidade, consideramos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir da relação entre a teoria e o romance *Pequena coreografia do adeus* por meio da compreensão da formação identitária da personagem Júlia sob o prisma do vazio na hipermodernidade. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizada e as referências usadas.

Biodata de Aline Bei

Brasileira, escritora e premiada, Aline Bei é reconhecida nacionalmente por sua primeira obra *O Peso do Pássaro Morto*, publicado em 2017, e por seu segundo romance *Pequena coreografia do adeus* (2021). O seu romance de estreia lhe rendeu a premiação Toca em 2018. A autora também recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura em 2018 na categoria Melhor Romance de Autor com Menos de 40 anos. Fato este que se torna ainda mais simbólico quando relembramos que três mulheres, de uma só vez, são premiadas pela primeira vez nas três categorias².

Na escrita de Bei, podemos verificar como a temática das desventuras na vida de mulheres é recorrente, e que a linha do tempo traçada nos dois romances acompanha o desenvolvimento das mesmas da infância à vida adulta. Desse modo, o leitor acompanha as protagonistas ao longo do desenvolvimento das ações da narrativa, ao passo que também testemunha como os laços afetivos afetam diretamente a construção identitária dos indivíduos.

Em 2021, Aline Bei publica seu segundo romance *Pequena coreografia do adeus* (2021) *corpus* desta investigação, o qual se constitui como uma prosa poética que retrata as relações familiares na família da jovem Júlia que se torna vítima do término do casamento de seus pais. Assim, a autora retrata em suas obras os amores, dissabores e abandonos que a protagonista sofre por meio de uma escrita literária que mescla da expressão “eu” e a do “não-eu” que conforme Moisés (2001) define sobre o que vem a ser a prosa poética. Para o autor:

[...] a prosa poética se definiria como o texto literário em que se realizasse o nexos íntimo entre as duas formas de expressão, a do ‘eu’ e a do ‘não-eu’. Longe de ser pacífico, o encontro é marcado por uma tensão, de que o texto extrai toda a sua função comunicativa. No binômio, o substantivo é representado pela prosa, ou a expressão do ‘não-eu’, ao passo que a poesia funciona como um qualificativo. Estamos, pois, diante de um tipo específico de prosa, assinalado pela fusão da poesia e da prosa (Moisés, 2001, p.26).

Neste sentido, a fusão da prosa com a poesia é uma marca de *Pequena coreografia do adeus* que retrata tal experimentação formal na tessitura do romance. Essa característica nos aproxima e

2 “Entre os destaques, na categoria de romance literário, apenas mulheres foram contempladas na seleta lista: Aline Bei, por *Pequena coreografia do adeus* (Companhia das Letras); Andréa Del Fuego, por *A pediatra* (Companhia das Letras); Micheline Verunschik por *O som do rugido da onça* (Companhia das Letras); Natalia Borges Polezzo, por *A extinção das abelhas* (Companhia das Letras) e Tatiana Salem Levy, por *Vista chinesa (Todavia)*”. Informações disponíveis em: <https://vogue.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/11/premio-jabuti- apenas-mulheres-ficam-entre-as-finalistas-na-categoria-romance-literario.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2022.

nos mantém afastados da voz narrativa que se entrelaça com a subjetividade do eu lírico.

Desse modo, observamos como essa tendência surgida a partir do pré-modernismo reflete ainda na escrita contemporânea que segundo D'Onofrio (2004, p. 25) “[...] enquanto a prosa literária tende a poetizar-se pelo uso de imagens, símbolos e ritmos, a poesia se aproxima cada vez mais da prosa literária pela renúncia aos esquemas métricos, rítmicos, estróficos”. Assim, as barreiras entre poesia e prosa tornam-se tênues e mesclam-se na construção poética do romance de Bei.

Nesse sentido, as vivências da infância, juventude e vida adulta que *Pequena coreografia do adeus* representa as constantes partidas na vida de Júlia refratam a [re]construção contínua e constante do ser humano enquanto um sujeito social, cujas teias de relacionamentos são feitas e refeitas cotidianamente, concomitantemente com o fazer-se e desfazer-se do sujeito.

“Ad infinitum”: hipermodernidade e seus conceitos

A sociedade enfrenta constantes modificações cotidianamente, à medida que tais mudanças ocorrem, o homem, enquanto sujeito social, não está inerte ou alheio a elas. As relações humanas, por sua vez, são diretamente afetadas por essas transformações ao passo que também as promove, como um exercício autorreflexivo. Desse modo, os valores, as questões éticas, morais e princípios estão em uma permanente construção em vir a ser de ideais *ad infinitum*: eis a hipermodernidade, conforme pontua Lipovetsky (2004):

Eis apenas uma amostra dos paradoxos que caracterizam a hipermodernidade: quanto mais avançam as condutas responsáveis, mais aumenta a irresponsabilidade. Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (Lipovetsky, 2004, p. 27).

O contexto hipermoderno em que estamos inseridos revela-nos as suas marcas da sociedade contemporânea pelo esvaziamento de sentidos que as relações humanas estabelecem consigo mesma e com o ambiente. A superação da condição de sujeitos modernos pode ser observada sob dois prismas diferentes: I) sob uma ótica mais pessimista, a era do vazio se caracteriza por incertezas, inquietudes e corrosão de verdades antes inquestionáveis; II) sob um viés não tão pessimista, tal corrosão nos leva a observar que o caráter homogêneo que a sociedade possuía passa agora ser um signo de liberdade, conforme destaca Gilles Lipovetsky.

Foucault foi sem dúvida o pensador que mais insistiu neste aspecto corrompido da modernidade que é a disciplina, cuja finalidade consiste mais em controlar os homens que em libertá-los. A disciplina é um conjunto de regras [...] que têm por efeito produzir uma conduta normatizada e padronizada, adestrar os indivíduos e submetê-los a uma fôrma idêntica para otimizar-lhes as faculdades produtivas. (Lipovetsky, 2004, p. 16).

Nessa perspectiva, traçando um paralelo com a modernidade, Lipovetsky (2004) destaca a autonomia do sujeito pós-moderno em relação ao seu anterior. O vácuo e os questionamentos que surgem com o homem pós-moderno são fundamentais para repensar a organização social e as estruturas criadas ao longo do tempo.

O caráter hegemônico e as verdades construídas e inquestionadas na modernidade agora são corroídas, haja vista que a disciplina da época das luzes não dava a almejada autonomia que o homem tanto buscava. É na cisão entre a modernidade e a pós-modernidade que se situa o questionamento do modelo disciplinar, sendo assim, compreendemos que até tal divisão da sociedade o homem pereceu em total alienação.

Nesse sentido, a concepção de autonomia passa a ser compreendida sob um viés

subjetivo à medida que o sujeito se liberta das tradições. Tamanha liberdade pode ser perseguida individualmente, sem necessitar de caminhos que antes eram preestabelecidos por uma ordem social burocrática. Todavia, isto não significa dizer que não se exerce mais poder sobre os sujeitos, pois a disciplina passa a ser cumprida de forma subjetiva.

Dessa maneira, a sociedade passa a apresentar uma constante angústia a partir da relação com o consumo. Os novos valores que surgem a partir da segunda metade do século XX em que a liberdade individual e a expressão de aspirações subjetivas não possuem mais barreiras para a realização pessoal. O foco da sociedade passa, então, a ser o presente.

A segunda fase do consumo denominada de Era do vazio surge a partir de 1950 quando emerge uma sociedade cada vez mais voltada para o presente e para as novidades que ele traz, uma sociedade cada vez mais tomada pela lógica da sedução concebida na forma de uma hedonização da vida. Nessa fase celebrou-se a libertação do indivíduo, a desafeição pelas ideologias, o definhamento das normas tradicionais, o culto ao presente e a promoção ao hedonismo individual (Passos; Costa, 2015, p. 3).

As profundas e indeléveis mudanças que o ser humano, as suas relações e o seu ambiente sofreram a partir das transformações tecnológicas vivenciadas pela sociedade pós-industrial e pós-moralista desvinculada de valores religiosos que levam à compreensão do que Gilles Lipovetsky chama de ética “indolor” diante das renovações sócio históricas e culturais que ganham um caráter notadamente individualista.

Mais do que uma ausência, um vácuo, o vazio representa um novo conteúdo. A modernidade estruturou-se como imaginário do dever e o homogêneo. Cada indivíduo precisa corresponder ao imperativo moral dominante, mesmo naquilo que só dizia respeito ao seu espaço privado. A ideia de imperativo serviu de cobertura para a imposição de visões de mundo e para a exclusão de todos os que ousaram postular modos alternativos de vida. A corrosão do imperativo moral, vista por muitos como sinal de decadência da estrutura social, pode ser, na verdade, considerada uma marca de libertação (Lipovetsky, 2005, p. 100).

Segundo esta linha de argumento, podemos compreender que a hipermodernidade pode ser considerada, a grosso modo, como a superação das relações, valores e concepções do homem moderno. Desvinculado de questões moralizantes pautadas em preceitos religiosos, a hipermodernidade é a era do vazio; um vazio que não se limita apenas a questões negativas do que esse vácuo pode produzir, mas também como possibilidade de autonomia e libertação que pode se transformar em autoconhecimento, bem como a [re] construção de sua própria identidade.

Mas o que é o vazio? Eis uma das primeiras perguntas que podem surgir quando refletimos acerca deste tema. Caso recorrarmos a uma definição dicionarizada, podemos considera-lo, de acordo com o dicionário Michaelis, como algo: “Que não contém nada ou só contém ar [...] Diz-se de recipiente cujo conteúdo foi despejado ou entornado [...] Que tem falta ou privação de alguma coisa [...]”³. Partindo do pressuposto que o vazio pode ser a falta ou a privação de algo, podemos relacioná-lo ao campo dos afetos ou emoções no leva a repensar as nossas escolhas enquanto sujeitos sociais, as quais muitas vezes são tomadas sob uma perspectiva egocentrada e vaidosa, pautadas na desconsideração da alteridade.

Ao observarmos as relações interpessoais na sociedade contemporânea, verificamos o quão apáticas e solitárias elas se tornaram. O vazio passa a preencher o vazio da vida cotidiana. O triunfo do individualismo lança-se, junto à indiferença, sobre os indivíduos no contexto pós-moderno em que vivemos. Nesse contexto pós-industrial, do qual somo parte integrante, Gilles Lipovetsky (2005)

³ As definições apresentadas sobre o vocábulo “Vazio” foram retiradas de: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vazio>. Acesso em: 16 maio 2022.

lança o seu olhar e considera que:

Cada geração gosta se reconhecer e de encontrar sua identidade em uma grande figura mitológica ou lendária, que reinterpreta em função dos problemas do momento: Édipo como emblema universal, Prometeu, Fausto ou Sísifo como espelhos da condição moderna. Hoje em dia é Narciso que, aos olhos de considerável número de pesquisadores, principalmente americanos, simboliza os tempos atuais: 'O narcisismo se tornou um dos temas centrais da cultura americana' (Lipovetsky, 2005, p. 31).

Neste sentido, Narciso nunca esteve tão vivo ou, pelo menos, o seu reflexo nunca fora tão refratado do que na contemporaneidade. A versão do mito, amplamente conhecida a partir da obra de Ovídio *Metamorfoses*, está espelhada nas atitudes que os indivíduos tomam e que forjam a sua identidade. Esse novo perfil adotado ecoa o individualismo exacerbado e o desprezo em relação ao outro que constituem o imaginário metaforizado pela imagem de Narciso. Há, assim, o que Platão outrora salientou no que concerne à decadência e supressão das virtudes e dos valores.

A esse respeito, Sebastien Charles (2004, p. 13) define que "O tema da decadência ou da queda [...] não é novo, e cada um acha com facilidade as causas da degenerescência que lhe parece caracterizar adequadamente os defeitos de sua respectiva época". Desse modo, a decadência sobre a qual Charles trata nos leva a considerar a constante busca pelo sentido da vida que o ser humano tanto persegue. O vazio não se trata mais de uma relação com um objeto estético ideal na literatura, mas sim sobre o eco da sociedade ou das nossas próprias vivências que perpassam o texto literário por meio do detrimento dos contatos interpessoais, da ruína das relações com o outro e a hipervalorização da materialidade.

Num mundo tão acessível, o homem contemporâneo busca o prazer imediato, o qual é descartável. Com a exacerbação do prazer pelo prazer, a pessoa se esvazia e tira de si própria a oportunidade de experimentar, na sua essência, afeto por outras pessoas. Seu mundo interno se transforma num grande buraco, cheio de sentimento de irrealidade, de estranheza, de vazio existencial e de uma conseqüente solidão desamparada (Vieira, 2003 *apud* Carneiro; Abritta, 2008, p. 193).

Desse modo, o homem contemporâneo, ao mesmo tempo que possui diversos recursos ao seu favor, torna-se cada vez mais esvaziado de sentido de vida. A efemeridade das relações descartáveis torna a identidade do indivíduo cada vez mais solitária e sem raízes, em uma constante busca pelo sentido da vida, ou uma vida que faça sentido.

Para tanto, em nossa sociedade, apresenta-se uma indiferença em relação ao outro, a sua dor e ao seu sofrimento. O caráter pragmático do homem Pós-revolução industrial revela a ruptura promovida pela modernidade que leva o sujeito a buscar e projetar no futuro, em detrimento do presente, a sua idealização de felicidade. Assim, a pós-modernidade e o sujeito pós-disciplinar representam um *locus* diferente, em que as antigas tradições dão espaço para a realização individual, o espaço público torna-se um *continuum* do espaço privado.

Nesse sentido, Charles (2004) propõe que a pós-modernidade constitui-se em um momento histórico díspar em que o sujeito social passa a encontrar o sentido das coisas ou da vida no vazio, em vez de tentar preenche-lo. O rompimento ou desconstrução dos vínculos com o outro, a indiferença e o egocentrismo narcísicos são corolários do ser-humano pós-disciplinar.

A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o

âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas ‘sem tragédia e sem apocalipse’.
(Charles, 2004, p. 23)

A esse respeito, observamos como a hipermodernidade se constitui como um paradoxo, pois ao passo que se verifica uma tentativa de conferir sentido à vida, também notamos uma realidade letárgica. Logo, mesmo diante de alcances imensuráveis nos diversos âmbitos sociais contemporâneos, o homem ainda não se satisfaz com o que possui e continua só em meio à multidão. Assim, a identidade do sujeito pós-moderno é multifacetada e conflituosa, pois está em constante construção.

Uma vez que o presente se torna “o *locus* da felicidade vindoura e do fim dos sofrimentos” (Lipovetsky, 2004, p. 14), a razão passa a sobrepor os fundamentos da tradição, a qual altera também as relações familiares. Não há espaço para o otimismo ou positividade, como o autor propõe, pois não se busca mais sentido no passado ou no futuro haja vista que o presente o local para encontrar/ buscar a liberdade individual.

Logo, em consonância com esse pensamento, a sociedade pós-disciplinar pressupõe a ruptura com a submissão a partir da compreensão do efêmero, sedução e diferencial marginal, uma vez que não é o sujeito moderno que alcança a liberdade, conforme fora outrora formulado pelo pensamento iluminista. É com e na pós-modernidade que se expande a autonomia do sujeito social, pois

É a era da moda extrema, em que a sociedade burocrática e democrática se submete aos três componentes essências (efêmero, sedução, diferencial marginal) da forma-moda e se apresenta como sociedade superficial e frívola, que impõe a normatividade não mais pela disciplina, mas pela escolha e pela espetacularidade (Lipovetsky, 2004, p. 19).

Sendo assim, compreendemos como a disciplina e os mecanismos de controle continuam presente na sociedade pós-moderna, apenas se adaptando à nova realidade marcada pela transformação e crescimento tecnológico incomensuráveis, bem como pelo hiperconsumismo que reforçam o vácuo vivenciado pelo homem pós século XX que envolve “nada de libertação sem nova forma de dependência” (Lipovetsky, 2004, p. 25).

Nesse sentido, o sujeito hipermoderno não se caracteriza mais como um ser unidimensional. A estabilidade não é mais uma marca dessa sociedade em que ele passa a trilhar a sua própria jornada a partir de suas relações tentaculares, cujas relações não são mais pautadas em vínculos estáveis e oscilantes em uma sociedade cuja sanidade oscila ou torna-se neurótica.

Verificamos, assim, como o dinamismo da hipermodernidade se sobrepõe às relações estáveis e supera as relações de subordinação tais como aquelas antes impostas pela religião, a qual não consegue mais oferecer as respostas que o homem procura. Assim, a sociedade hipermoderna passa conviver, no cerne de suas contradições, com o sonho e a desilusão, religião e ciência. Com isso, o vácuo que estrutura a sociedade busca ser preenchido com o presente.

A impotência para imaginar o futuro só aumenta em conjunto com a sobrepotência técnico-científica para transformar radicalmente o porvir: a febre da brevidade é apenas uma das facetas da civilização futurista hipermoderna. Enquanto o mercado estende sua “ditadura” do curto prazo, as preocupações relativas ao porvir planetário e aos riscos ambientais assumem posição primordial no debate coletivo. Ante as ameaças da poluição atmosférica, da mudança climática, da erosão da biodiversidade, da contaminação dos solos, afirmam-se as ideias de “desenvolvimento sustentável” e de ecologia industrial, com o encargo de transmitir um ambiente viável às gerações que nos sucederem. (...) Morrem as utopias coletivas, mas intensificam-se as atitudes pragmáticas de previsão e prevenção técnico-científicas (Lipovetsky, 2004, p. 68-69).

Não há mais sonhos de progresso, tampouco tradição, o sujeito hipermoderno quer e vive o presente. A partir disso, compreendemos o porquê da representação metafórica de Narciso se adequar tanto às necessidades do sujeito contemporâneo. O sujeito hipermoderno, ou a sociedade hipermoderna, vê a sua imagem autorrefletida no espelho das ações do corpo social. Não se trata, pois, de desconsiderar ou negar o futuro, mas a preocupação com estes elementos torna-se irresoluta.

Observamos, assim, que a hipermodernidade se constitui como um constante melhoramento da modernidade. O melhoramento da razão, da racionalização e a modernização da própria modernidade são os elementos simbólicos da hipermodernidade conforme salienta Lipovetsky (2004).

Longe de redundar no homem unidimensional [...] a lógica do consumo-moda favoreceu o surgimento de um indivíduo mais senhor e dono da sua própria vida, sujeito fundamentalmente instável, sem vínculos profundos, de gosto e personalidade oscilantes. [...] ao possibilitar o acesso a uma informação cada vez mais diversificada e mais caracterizada por pontos de vista diferentes, propondo uma gama extremamente variada de escolhas, a mídia permitiu que se desse aos indivíduos maior autonomia de pensamento e de ação, com a oportunidade de construir opinião própria sobre um número sempre maior de fenômenos (Lipovetsky, 2004, p. 41-42).

Para tanto, Narciso se uniu a Cronos em uma mesma época: a individualidade aliada à necessidade de viver o presente em meio à sua efemeridade. Não se trata, pois, de uma descrença ou de uma desesperança no futuro, mas de novas demandas nas relações sociais, bem como na maneira subjetiva como lidamos com as situações cotidianas e no que está por vir.

Logo, observamos que a sociedade hipermoderna não está fechada em si mesma, pois possui e reconhece os elos com o passado, embora o enfoque centre-se no futuro. Portanto, o narcisismo se torna uma palavra-chave para a definição e/ou caracterização da sociedade hipermoderna que ultrapassa as escalas de valorização moral pautada em concepções religiosas.

De tal modo, as formas de nos relacionarmos com os outros mudaram, consideravelmente, a partir da importância que empregamos aos indivíduos. Tal fato levou-nos a rever os valores que damos às relações humanas, bem como à palpabilidade e tangibilidade das mesmas. Observamos atônita, a obsolescência não apenas dos recursos materiais que podem ser produzidos por meio das indústrias, mas também das relações afetivas que vivemos. Eis os ecos de Narciso reverberando no vácuo das relações pessoais e interpessoais.

Metodologia

Qual o lugar da mulher na sociedade hipermoderna? Se recorrermos aos textos bíblicos, um dos livros mais antigos e o mais traduzido ao longo do tempo, notamos que a mulher sempre foi marginalizada, a exemplo, Eva, a primeira mulher, é o símbolo do pecado, pois seduziu o homem. Sendo assim, ao longo do percurso da história da humanidade, a imagem da mulher foi representada como algo demoníaco, pecaminoso e inferior ao homem.

A imagem de fragilidade e da vulnerabilidade, quase igual a de uma criança, também é atribuída à mulher, como forma de inferiorizá-la diante da altivez, sagacidade e força do homem, sempre visto como o provedor e protetor da mulher e dos filhos. A mulher, por sua vez, cabe cuidar da prole, do marido e dos afazeres domésticos, assim, ela era inferior ao homem em todos os campos semânticos: intelectual, social e politicamente, além de dada a ataques de histeria. Joan Scott, em sua obra *História das mulheres*, traz as seguintes ponderações acerca do lugar que a mulher ocupou/ocupa ao longo da história:

A história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. Apesar das enormes diferenças nos recursos para ela alocados, em

sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo (Scott, 2011, p. 65).

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem um cunho descritivo-interpretativo, haja vista seguindo o pensamento de Paiva (2019, p. 14) ao descrevê-la como, “a pesquisa descritiva tem como alvo descrever o fenômeno estudado e “não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características” (Gonsalves, 2003, p. 65). Nas palavras de Cervo e Bervian (2002, p. 66), “[a] pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”.

Para tanto, a natureza da abordagem é qualitativa, já que de acordo com os conhecimentos teóricos e empíricos acerca dos estudos culturais, uma vez que “A abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa trabalha com dados qualitativos, com informações expressas nas palavras orais e escritas, em pinturas, em objetos, fotografias, desenhos, filmes, etc. A coleta e a análise não são expressas em números” (Zanella, 2013, p. 63).

Desse modo, por meio da correlação entre a literatura e os estudos culturais, focados na representação do vazio na hipermodernidade, encontramos o ambiente profícuo para o desenvolvimento da análise do romance *Pequena coreografia do adeus* (2021), da autora Aline Bei, que perpassa a construção da identidade da protagonista a partir dos relacionamentos que ela estabelece com as demais personagens que cruzam o seu caminho.

Os dados analisados foram coletados a partir da leitura e interpretação do romance que compõe o *corpus* desta pesquisa e por meio da compreensão das coreografias que marcam as constantes partidas que ocorrem ao longo da vida da protagonista. Desse modo, a pesquisa pautada em procedimentos bibliográficos e documentais permitiram a análise e interpretação da teoria que é evocada ao passo em que analisamos a narrativa literária, conforme pontuam os metodólogos Gil (2002), Marconi e Lakatos (2003) e Goldenberg (2004).

No tocante a relevância da pesquisa, é importante ressaltar que não há trabalhos desenvolvidos acerca do romance *Pequena coreografia do adeus*, assim como também ainda há, de forma tímida, estudos na seara dos estudos acerca do vazio contemporâneo no cenário brasileiro.

Desse modo, este artigo contribui tanto para o âmbito acadêmico quanto social no que concerne à representação feminina. Assim, o campo de análise da literatura brasileira contemporânea ganha destaque neste trabalho, pois observamos uma temática pouco explorada, mas ao mesmo tempo tão comum na vida de muitas jovens: uma família desestruturada, marcada pela separação de um casal que traz marcas indeléveis na construção identitária de uma adolescente que se sente sufocada em meio às agressões verbais que pais promovem.

Sobre a construção do *corpus* de investigação deste artigo científico, convém salientar que os dados coletados são de natureza documental que de acordo com Paiva (2019) afirma que:

A pesquisa documental é um tipo de pesquisa primária que estuda documentos em forma de textos, incluindo a transcrição de textos orais, imagens, som ou textos multimodais. A pesquisa bibliográfica é secundária e se utiliza de livros e artigos sobre determinado tema (Paiva, 2019, p. 14).

Dessa forma, o *corpus* foi coletado em 2 (duas) formas: a) a coleta documental, a partir da utilização de estudos prévios acerca da categoria analítica estudada e sobre o romance que envolvem publicações consideradas de primeira mão; b) a partir da pesquisa bibliográfica, torna-se indispensável, pois compreenderá a utilização de materiais disponíveis em periódicos, bem como outros materiais impressos e eletrônicos.

Durante o procedimento de coleta de dados, acompanhamos e observamos que os ecos da contemporaneidade são refletidos no romance *Pequena coreografia do adeus*, reverberando a subjetividade da protagonista que se encontra desterritorializada diante dos constantes conflitos existentes em sua família. Nosso conjunto de dados está presente na seção resultados e discussão que apresenta uma visão geral das relações familiares coreografadas pela autora do romance.

A hipermodernidade e suas coreografias: nunca diga adeus

Podemos observar na sociedade contemporânea como ela é marcada pela efemeridade dos relacionamentos, pelo individualismo, a sobreposição do eu sobre o coletivo e a reconfiguração dos valores que estão em partilha em sociedade. A partir da década de 1950, uma guinada no que concerne aos valores e costumes da sociedade e vivenciamos o surgimento do que chamamos de Era do Vazio. Desse modo, observamos como os modos de vida passam a ser comercializados e a vida, em sua acepção mais tradicional, perde o sentido.

Nesse sentido, a obra *Pequena coreografia do adeus* (2021), escrita por Aline Bei, retrata a contemporaneidade com os seus paradoxos. A partir da vida de sua protagonista Júlia Terra, acompanhamos os dissabores e os momentos transitórios de felicidade que a protagonista vive, os quais são marcados pela separação dos pais. Júlia nos é apresentada em uma atmosfera marcada por constantes conflitos, haja vista que a sua mãe não deseja o fim do relacionamento, remetendo às tradições que durante muito tempo conferiram um ar de homogeneidade e estabilidade.

Desse modo, o romance de Aline Bei, enquanto produção literária contemporânea retrata algumas interfaces da realidade hipermoderna que desnuda os relacionamentos, assim como podemos observar o desejo do pai de se divorciar, bem como a sua aversão ao fato de um dia ter contraído matrimônio. Desse modo, Karl Eric Schøllhammer (2009) destaca que:

O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexo com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo (Schøllhammer, 2009, p. 9-10).

Observamos o quão paradoxal é a tentativa de capturar o presente e como, por meio desse paradoxo, Bei (2021) cria entes passíveis de captar a anacronia e desconexão do presente ao expressá-lo que por meio dos relacionamentos humanos consigo mesmo e com o outro. A especificidade histórica da realidade representada em *Pequena coreografia do adeus* ocorre por meio do despedaçar da vida de Júlia e das constantes partidas com as quais a jovem precisa lidar.

Em meio à solidão em que vive, Júlia é um exemplo de sujeito hipermoderno em meio ao vazio existencial almejado pelo futuro, mas sem se esquecer do passado. Há, nesse sentido, uma busca incessante para preencher o vazio existencial que é a marca da protagonista, assim como o é para muitos outros sujeitos na contemporaneidade. Podemos observar, no início da primeira parte do romance, como a despedida se torna uma constante em sua vida, ao passo que é metaforizada e poetizada:

o vento que batia na praça era típico de fim de outono
e eu era uma menina
me despedindo
lentamente
da própria infância
brincando, mas sentindo
o peso da culpa por ainda brincar, o ideal seria
estar tomando um banho
com bucha
depois passar perfume
no corpo
pintar as unhas
para então me vestir como se fosse uma ocasião especial.
por isso eu brincava envergonhada, na testa uma lâmpada
iluminando
este aviso: não era para você estar aqui
[...] (Bei, 2021, p. 9).

Notamos que é evidente a despedida e Júlia cria cinestésias para representar a primeira partida que é a da sua infância. A dança da vida que a personagem coreografa promove a aproximação e o afastamento dos leitores que lhe acompanham nessa dança. Assim, o emprego de termos tais como “vento”, “outono”, “despedindo” e “lentamente”, associados à disposição dos vocábulos na página remete à simbologia do outono que se caracteriza como um período de transformações.

Neste sentido, o ritmo criado pelo narrador, a transformação simbólica que o outono traz suscita o crescimento interior da personagem que coloca em paralelo o presente e o passado para compreender a construção do futuro. A transição, também, é reforçada pelo crescimento da menina que está entrando na puberdade e que logo, observamos os mecanismos de vigilância e de punição que são instituídos ideologicamente, uma vez que ela sente “o peso da culpa por ainda brincar, o ideal seria estar tomando um banho com bucha” (Bei, 2021, p. 9).

Desse modo, as punições pelo comportamento ainda infantil da menina a sufocam, fazendo-a sentir-se envergonhada por não estar agindo como uma adolescente. Assim, Bei traz elementos da realidade empírica para a tessitura do romance como a relação mãe e filha. A mãe de Júlia se constrói como um grande carrasco da jovem em um relacionamento, nitidamente, tóxico.

De modo geral, percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intuição de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria (Schøllhammer, 2009, p. 14).

Nesse sentido, no que concerne ao tratamento da temática, observamos na escrita contemporânea um diálogo com formas literárias anteriores, como é o caso do realismo literário. Esse realismo expõe a vulnerabilidade dos laços afetivos entre as personagens, bem como a violência emocional e psicológica que o comportamento materno causa à menina. A jovem estabelece um paralelo físico e comportamental entre a sua mãe e a mãe de sua amiga.

A separação dos pais de Júlia corresponde ao argumento de Lipovetsky (2005) denomina como *corrosão do imperativo moral*, uma vez que a instituição do casamento este durante muito tempo estruturado em bases morais e ideológicas muito firmes o que representa uma marca de libertação que rompe com visões de mundo que durante muito tempo foram impostas. Logo, a memória afetiva da adolescente estabelece um paralelo entre a sua mãe e a de sua amiga, conforme observamos a seguir:

[...] eu estava com uma amiga do bairro.
a mãe dela que nos trouxe
de carro
agora lia um jornal enquanto nos esperava. ela era mais bonita
do que a minha mãe
cheirava melhor também.
tinha um cheiro de erva-doce despreocupado.
já minha mãe tinha cheiro de banana
sem casca
estragando, estava sempre ocupada com os afazeres
domésticos
e com as demandas emocionais da própria existência.
de vez em quando, deixava eu sair para brincar com alguém.
isso se eu já tivesse secado a louça
e estendido a roupa
e assistido à sua fúria contra as injustiças que lhe eram
dirigidas, resumindo:
quando minha mãe não precisava mais
de público,
então eu podia sair pra brincar [...] (Bei, 2021, p. 10).

A caracterização que a narradora homodiegética faz sobre a sua mãe é carregada de elementos nitidamente emocionais que interferem diretamente sobre a visão que ela tem sobre os demais. As primeiras impressões que temos sobre a genitora da protagonista são justificadas ao fim da citação, pois podemos compreender o ambiente repressor e solitário, o qual jovem vive.

Neste sentido, as suas personagens do romance *corpus* desta pesquisa, vivem um vazio afetivo, emocional e social. Por não aceitar o fim de seu relacionamento, a mãe de Júlia tem as suas estruturas ideológicas e afetivas abaladas devido aos antigos paradigmas religiosos que regiam a sociedade. Tal fato faz com que ela não compreenda que a sociedade contemporânea não está mais engessada nesse tipo de organização social.

Logo, os novos valores éticos e morais são mais flexíveis, menos submissos e mais independentes. Assim, há uma dependência emocional na figura materna que sobrecarrega a filha com exigências, cobranças e a necessidade de pública, como aponta a própria protagonista.

Júlia tem, assim, a sua juventude cerceada, haja vista que a sua mãe vive em um extremo vazio e também relega a filha a esse vácuo: vazio da existência materna, de um vínculo emocional entre mãe e filha, ignorância em relação aos próprios sentimentos da filha. O egoísmo e individualismo do comportamento da mãe leva ao afastamento da filha, ao passo que esta se torna vítima das demandas emocionais maternas.

Para tanto, compreendemos como o vazio da hipermodernidade está diretamente afetada por uma “onda de desafeição” (Lipovetsky, 2005). A solidão é uma marca que acompanha a protagonista ao longo de sua vida, levando-a a coreografar os seus relacionamentos, o que reflete a realidade dos relacionamentos, uma vez que não há nada permanente ou fixo. O desejo de relações perenes é praticamente inalcançável. Para tanto, ilustra-se, a seguir:

vivo neste quarto de pensão
e porque já estou aqui há algum tempo
o sinto como uma continuação do meu corpo.
chego da rua
abro a porta e
é como se o meu espírito pudesse voar por essas paredes
sem que eu morra por ele estar voando do lado de fora, aqui
não é fora/ é dentro
com um quê de transe
típico de um sonho denso.
no Quarto (Bei, 2021, p. 122).

Nesse sentido, analisando o que propõe o trecho acima, Júlia Terra é moldada pelas relações que tem com quem adentra e sai de sua vida. Todavia, as marcas dos traumas familiares imprimem as cicatrizes mais profundas. Ainda que sozinha em sua jornada, a narradora sente que o quarto de pensão em que vive se torna uma extensão de seu próprio corpo.

O quarto em que Júlia vive se torna o seu refúgio, o lugar em que ela pode ser quem realmente é e viver os seus sentimentos. Como extensão de si mesma, o quarto é o lugar onde a personagem pode preservar a sua intimidade. Em meio ao vazio, o quarto era o seu refúgio. Todavia, Júlia encontrava conforto na aproximação com o pai, conforme ela narra no Natal, quando busca a companhia do pai:

é natal, pensei.
e ainda que ele estivesse acompanhado, eu
pediria licença
pra Ela
está na hora de
abraçar o meu velho, gostaria também de saber se as
esculturas
avançaram
e
talvez
talvez meu pai esteja tão sozinho quanto eu (Bei, 2021, p. 237-
238).

Ao contrário do que vivia com a mãe, Júlia, sentia-se mais acompanhada junto à figura paterna. Diferente da mãe que descontava a dor da solidão na filha, Júlia via no pai a possibilidade de companhia. É importante salientar, o fato de que o seu pai tinha constituído uma nova família, pois tinha casado novamente e, contudo, o vazio é um imperativo ao qual ninguém escapa, mesmo que cada indivíduo sinta e viva o seu à sua maneira.

Quando Júlia decide ir ao encontro de seu pai para “abraçar o meu velho” (Bei, 2021, p. 237), a narradora também destaca que talvez ele esteja tão sozinho quanto ela. Logo, antigos padrões de organização social como o casamento não são sinônimo de que os indivíduos se sintam completos com a presença do outro, ou que se sintam acompanhados. Eis a realidade pós-moderna em que, mesmo em meio a uma multidão, continuamos nos sentindo sós.

sonhei que um desconhecido me cercava com madeiras, pra
me incendiar.
minha mãe estava presente
na sala
mas não movia
um dedo
 você viria me salvar se eu fosse o Sérgio, gritei.
ela me deu uma chinelada
na boca
que ardeu como se o meu rosto já estivesse em chamas.
então o Chinelo começou a percorrer
o meu corpo
me fazendo sentir um prazer imensurável
a minha mãe ria, gargalhava
[...] (Bei, 2021, p. 241).

Nesse sentido, escolhas que os indivíduos fazem afetam, diretamente, à vida do outro. Observamos na figura de Júlia como o narcisismo e a indiferença desferida por seus pais afetam a sua vida, aprofundando a sua solidão. Tal fato pode ser observado na citação acima, pois, após a morte de seu pai, ela passa a sonhar mais vezes com a sua mãe.

Em um de seus sonhos, o conflito e o vazio existencial de Júlia falam mais alto e refletem em seu subconsciente a ponto de fazê-la sonhar com um desconhecido que tenta incendiá-la. Daí vem à tona uma gama de sentimentos reprimidos e a rejeição que ela sofre por parte da mãe que só se preocupava com o ex-marido. Logo, diante do perigo em que ela se encontrava no sonho, a sua mãe não cogitou (em sua imaginação) salvar a própria filha. Como um ato de libertação, Júlia grita “*você viria me salvar se eu fosse o Sérgio*” (Bei, 2021, p. 241).

Tamanha libertação é reforçada pelas sensações que lhes são provenientes em seguida, haja vista que ela consegue externalizar o que conteve durante toda a sua vida que foi a negligência de sua mãe, uma vez que esta se preocupava apenas com o ex-marido. Desse modo, caso Sérgio estivesse no lugar de Júlia, a protagonista tinha certeza que a sua mãe iria ao seu encontro para resgatá-lo.

Conclusão

Observamos nesse artigo científico a obra *Pequena coreografia do adeus* sob o prisma das considerações de Gilles Lipovetsky para investigar sobre a representação do vazio na obra *corpus* deste trabalho. Para tal, inicialmente, analisamos a fortuna crítica, pesquisamos sobre a produção literária de Aline Bei e desenvolvemos as considerações teóricas que estruturaram a análise da obra literária.

Assim, os estudos acerca da literatura brasileira contemporânea, particularmente no que concerne ao romance contemporâneo, unidos às considerações provenientes de questões concernentes à hipermodernidade propiciam um ambiente frutífero para a compreensão de produções que retratam questões acerca da subjetividade do indivíduo em meio às relações sociais no contexto atual. Tal operação alarga as veredas dos estudos literários, que passam a ser

observados como um fermento orgânico do texto, conforme outrora salientou Antonio Candido.

O percurso teórico-metodológico o qual seguimos foi orientado pela seção retórica que teve a proposição do tema “Ser ou não ser vazio? interfaces da hipermodernidade em *pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei” como elemento norteador das discussões acerca da teoria do vazio e a análise das relações familiares presentes na obra sob o prisma das discussões de Gilles Lipovetsky (2004 e 2005). Desse modo, a partir da análise realizada com fragmentos de *Pequena coreografia do adeus (2021)*, verificamos como as solidões, aliada ao individualismo e narcisismo da hipermodernidade, contribuem para a ressignificação de valores morais e éticos na sociedade.

Para tanto, compreender o seu próprio lugar que se torna uma atividade preponderante na contemporaneidade, haja vista que o autoconhecimento e a superação das barreiras afetivas, emocionais e sociais passam a ser uma operação individual de construção do próprio eu, a qual não pressupõe mais a presença do outro para intermediar ou auxiliar no processo.

Logo, para essa constatação apontou também que as escolhas da protagonista e a relação conflituosa dela com a sua família levam à constante transmutação da identidade de Júlia em seu processo de adaptação às diferentes situações que a vida apresenta. Assim, a solidão e o individualismo, muitas vezes observados como elementos negativos, acabam resultando possivelmente em meios de sobrevivência que compõem a narrativa, assim como o próprio tecido social em que estamos inseridos.

Essa afirmação reforça que a análise e crítica literária contemporânea não se limitam apenas aos aspectos estéticos do texto, mas nos levam - enquanto leitores e sujeitos sociais - a apreender os reflexos do avanço tecnológico, da fluidez dos laços afetivos, a organização social e familiar que não estão mais embasados em preceitos religiosos, ao contrário disso, observamos a sua ruptura.

Ressaltamos, aqui, a relevância desta pesquisa para o âmbito acadêmico, profissional, literário e social, haja vista que este trabalho possui um caráter inovador, pois não há pesquisas acerca do *corpus* em estudo, assim como da contribuição para repensarmos os novos delineamentos que reorganizam a sociedade em uma época em que Narciso ressurgiu e habita a malha social.

Para tanto, destacamos que os objetivos aos quais nos propomos no início desta pesquisa foram alcançados, pois compreendemos como a relação estabelecida entre a protagonista e o meio em que vive, o qual é constantemente afetado pelas relações que estabelece com as demais personagens pelos laços afetivos e partidas.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a compreensão sobre a forma como a disciplina e os mecanismos de controle continuam presente na sociedade pós-moderna, apenas se adaptando à nova realidade marcada pela transformação e crescimento tecnológicos incomensuráveis, bem como pelo hiperconsumismo que reforçam o vácuo vivenciado pelo homem pós século XX que envolve “nada de libertação sem nova forma de dependência” (Lipovetsky, 2004, p. 25). Esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores.

Referências

ALINE Bei. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=07092>. Acesso em 16 de maio de 2022.

BEI, Aline. **Pequena coreografia do adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COMPAGNON, Antoine. Estilo. *In.*: COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p. 163-191.

CARNEIRO, Cláudia A.; ABRITTA, Stela D. Formas de Existir: a Busca de Sentido para a Vida. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. XIV, n. 2, p.190-194, jul-dez, 2008.

DURÃO, **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. modernismo ou a estratégia do vazio. *In.*: LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 59-100.

LIPOVETSKY, Gilles. O individualismo paradoxal. *In.*: LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. São Paulo: Barcarolla, 2004, p. 11-47.

LIPOVETSKY, Gilles. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna. *In.*: LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. São Paulo: Barcarolla, 2004, p. 49-104.

LIPOVETSKY, Gilles. Narciso ou a estratégia do vazio. *In.*: LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 31-58.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MOISÉS, Massaud. A prosa poética. *In.*: MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. v.2. p. 19-68.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo: Madras, 2003.

PÉRRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações literárias e culturais. *In.*: PÉRRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 17-82.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

REDAÇÃO VOGUE. **Prêmio Jabuti**: apenas mulheres ficam entre as finalistas na categoria romance literário. Vogue, 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/11/premio-jabuti-apenas-mulheres-ficam-entre-as-finalistas-na-categoria-romance-literario.ghml>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VAZIO. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vazio>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. Metodologia de pesquisa. *In.*: SALVATORE, D' Onofrio. **Teoria do texto**: Prolegômenos e teoria da narrativa. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

Recebido em 06 de março de 2023.

Aceito em 30 de outubro de 2023.